

III Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XVIII Jornadas de Investigación Séptimo Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2011.

Subjetividade nas pesquisas: algumas contribuições a partir da perspectiva da subjetividade.

Ferreira Barros, Carolina.

Cita:

Ferreira Barros, Carolina (2011). *Subjetividade nas pesquisas: algumas contribuições a partir da perspectiva da subjetividade. III Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XVIII Jornadas de Investigación Séptimo Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-052/27>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/eRwr/1Af>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

SUBJETIVIDADE NAS PESQUISAS: ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES A PARTIR DA PERSPECTIVA DA SUBJETIVIDADE

Ferreira Barros, Carolina
Centro Universitário FIEO- UNIFIEO. Brasil

RESUMEN

Este trabalho tem como objetivo principal discutir sobre a subjetividade nas pesquisas, a partir de uma perspectiva histórico-cultural de González Rey. González Rey nos traz uma nova concepção de subjetividade. Ele aborda o indivíduo multifacetado que aprende e que interage com o meio através da confluência de sentidos: emoção/pensamento; indivíduo/social; sentido/significado; consciência/inconsciência. As pesquisas feitas a respeito da subjetividade muitas vezes não se aproximam de um entendimento dos sentidos subjetivos, dos significados que o sujeito produz nesta perspectiva trazida por González Rey. Desta forma, o espaço de produção de sentidos torna-se necessário nas pesquisas para que haja uma aproximação do entendimento da subjetividade humana.

Palabras clave

Pesquisas Subjetividade Sentido Significado

ABSTRACT

SUBJECTIVITY IN RESEARCHES: SOME CONTRIBUTIONS FROM THE HISTORICAL-CULTURAL PERSPECTIVE

This work has as main objective to discuss the subjectivity in the researches, from a historical-cultural of González Rey. González Rey brings us a new conception of subjectivity. It addresses the multifaceted individual who learns and interacts with the environment through the confluence of meanings: emotion / thought, individual and social, sense / meaning, consciousness / unconsciousness. The researches made about the subjectivity often don't come close to an understanding of subjective meanings, meanings that the subject makes this perspective brought by González Rey. In this sense, the area of production of meaning is needed in research so that there an approach to the understanding of human subjectivity.

Key words

Research Subjectivity Sense Meaning

1 SUBJETIVIDADE

1.1 A concepção atual da subjetividade

Muitos autores contemporâneos têm trazido para o mundo acadêmico e para a prática profissional uma nova concepção de subjetividade, uma subjetividade que coloca o ser humano como um ser capaz de produzir sentidos e de se transformar.

Para Scoz (2004), as relações entre pensamento/emoção, consciência/inconsciente, sujeito/social, sentido/significado, são instâncias que não se separam e que devem ser tomadas como uma unidade. Para González Rey (apud SCOZ, 2004, p. 20), “na organização subjetiva, integram-se o pensamento do sujeito, as emoções, as situações vividas por ele, as quais aparecem numa multiplicidade de sentidos subjetivos, processos que não podem reduzir-se a linguagem nem a discursos”, uma vez que, segundo Scoz (2004, p. 20) a definição de subjetividade se estabelece como “um sistema complexo e dinâmico em que, simultaneamente, vários elementos entram em contradição, gerando um caminho de tensões múltiplas, dentro do qual um elemento nunca se reduz a outro”

Para Capra (apud SCOZ & PORCACCHIA, 2009, p. 4), a subjetividade do sujeito “baseia-se na consciência do estado de inter-relação e interdependência essencial de todos os fenômenos- físicos, biológicos, psicológicos, sociais e culturais”. Scoz (2004) ainda diz que a forma de conceber a subjetividade é considerar as ligações, as articulações, expressando aquilo que é tecido em conjunto, enfatizando, ao mesmo tempo, a complexidade da organização simultânea e contraditória dos espaços individuais e sociais.

Para Schnitman (1996), a ciência, os processos culturais e a subjetividade humana estão socialmente construídos, recursivamente interconectados, constituindo assim um sistema aberto. A autora ainda ressalta que na contemporaneidade há uma restituição do sujeito à ciência e da ciência aos sujeitos. Esta restituição não toma o sujeito com a perspectiva metafísica tradicional nem com as perspectivas psicológicas essencialistas (afetividade/consciência), e sim busca uma perspectiva processual que localiza a noção do sujeito em seu aspecto bio-lógico psicossocial.

Morin (apud SCOZ & PORCACCHIA, 2009, p. 6) afirma que cada indivíduo em uma sociedade é uma parte de um todo, que é a sociedade, mas esta intervém, desde o nascimento do indivíduo, com sua linguagem, suas

normas, suas proibições, sua cultura, seu saber, ou seja, não só a parte está no todo como o todo está na parte. Nesta perspectiva de uma subjetividade social, pode-se dizer que ao mesmo tempo em que o indivíduo é constituinte, ele é constituído, pois, assim como relata Scoz e Porcacchia (2009), “pode-se compreender que a subjetividade social situa-se em um contexto de maleabilidade e flexibilidade que caracteriza os processos de produção de sentidos e significados gerados nas diversas áreas da vida social, possibilitando integrar as formas históricas e atuais de subjetivação produzidas nos espaços sociais nos quais o indivíduo atua.

Scoz (2004) ainda esclarece que o sujeito não é meramente reflexo do social, e sim que a partir da confluência entre o social e a sua própria constituição subjetiva é que o sujeito gera novos sentidos que vão modificando a si mesmo e às suas práticas. Isto nos dá uma idéia de movimento, já que o indivíduo estará produzindo sentido durante toda a sua trajetória de vida.

1.2 A compreensão do sujeito dentro de uma teoria histórico-cultural da subjetividade

Segundo González Rey (2005), o sujeito é sujeito do pensamento, mas não de um pensamento compreendido de forma exclusiva em sua condição cognitiva, e sim de um pensamento entendido como processo de sentido, ou seja, que atua somente por meio de situações e conteúdos que implicam a emoção do sujeito. O exercício do pensamento, compreendido por Vigotsky há muitos anos, não é simplesmente o exercício da linguagem. Entre pensamento e linguagem existe uma relação complementar, e também contraditória, em que um não se reduz ao outro, nem é explicado pelo outro (GONZÁLEZ REY, 2005).

González Rey (2005) afirma que o pensamento se define como um processo psicológico, não somente por seu caráter cognitivo, mas por seu sentido subjetivo, pelas significações e emoções que se articulam em sua expressão, que não é automática, mas construída pelo sujeito mediante complexos desenhos intencionais e conscientes, nos quais também não se esgota seu caráter subjetivo.

Para ele, o sujeito representa um momento de subjetivação dentro dos espaços sociais em que atua e, simultaneamente, é constituído dentro desses espaços na própria processualidade que caracteriza sua ação dentro deles, a qual está sempre comprometida direta ou indiretamente com inúmeros sistemas de relação.

Ainda segundo o mesmo autor, na ação do sujeito se expressa de forma constante a processualidade da subjetividade individual, elemento essencial para compreendê-la como sistema em constante desenvolvimento, com uma organização que não atua como determinante externo da experiência em ações do sujeito que a expressa, senão como momento essencial na produção dos sentidos e significados que acompanham a ação do sujeito com frequência de forma inconsciente. A organização da subjetividade individual tem na ação intersubjetiva um momento permanente de ex-

pressão e de confronto que garante a processualidade de sua organização dentro de um processo de desenvolvimento permanente ao longo da vida do sujeito. Ainda completa González Rey (2003, p. 236):

“[...] a linguagem não é somente uma manifestação simbólica presente nos discursos que circulam socialmente, é também uma expressão simbólica do sujeito pela qual este constrói suas diferentes formas de participação no complexo processo de sua vida social e atua sobre seu próprio desenvolvimento subjetivo, com independência de que o impacto subjetivo dessa participação não esteja limitado na intencionalidade dessa participação consciente. A linguagem aparece em nível individual cheio de sentido subjetivo, traduz emoções complexas do sujeito e, ao mesmo tempo, gera novas emoções em seu constante trânsito pelos diferentes espaços representativos e experimentais do sujeito. A construção de uma experiência por meio da linguagem e sua articulação com um pensamento próprio é um dos processos que definem o ser sujeito.”

2 A SUBJETIVIDADE NAS PESQUISAS

2.1 A construção da informação na pesquisa qualitativa

Segundo González Rey (2005), o processo de construção da informação representa o momento mais difícil na realização da pesquisa qualitativa. Muitos pesquisadores, que têm compreendido bem os princípios e as características gerais da proposta sobre o caráter construtivo-interpretativo da pesquisa qualitativa, quando chega o momento de construção da informação, tratam o material empírico como se esse fosse portador de uma verdade única a qual deve chegar à análise e tentar buscar, nos dados, essa verdade com o qual, inconscientemente, empreendem um caminho totalmente descritivo, próprio da epistemologia positivista.

As dificuldades implícitas no processo de construção da informação têm muito a ver com o fantasma empirista que ainda circula, com grande força, no imaginário da pesquisa científica em psicologia e nas ciências sociais em geral: a propriedade dada à descrição como função principal do pesquisador em relação a seus resultados. A atribuição de um caráter indutivo-descritivo à pesquisa qualitativa retira dela o que González Rey considera sua principal virtude: o desenvolvimento de modelos teóricos sobre a informação produzida, que permitem visibilidade da construção teórica de sentidos subjetivos e de configurações subjetivas envolvidas nos diferentes comportamentos e produções simbólicas do homem. Completa ainda González Rey (2005, p. 116):

“[...] o sentido subjetivo não aparece de forma direta na expressão intencional do sujeito, mas sim indiretamente na qualidade da informação, no lugar de uma palavra em uma narrativa, na comparação das significações atribuídas a conceitos distintos de uma construção, no nível de elaboração diferenciado no tratamento dos temas, na forma com quem se utiliza a temporalidade, nas construções associadas a estados anímicos diferentes, nas manifestações gerais do sujeito em seus di-

versos tipos de expressão. Todas essas dimensões devem ser acompanhadas pelo pesquisador, de forma simultânea, no curso do processo construtivo-interpretativo que caracterizará sua postura durante todo o desenvolvimento do momento empírico de uma pesquisa.” Para González Rey (2005), uma exigência do processo de construção da informação na pesquisa qualitativa, apoiada nos princípios epistemológicos, fato esse que marca sua especificidade nas múltiplas alternativas de pesquisa qualitativa, presentes atualmente no cenário das ciências sociais, é o caráter ativo do pesquisador, sua responsabilidade intelectual pela construção teórica resultante da pesquisa.

Foerster (apud SCOZ, 2004, p. 36) ressalta que hoje em dia vemos a necessidade de inserir o cientista em sua ciência, já que o observador-pesquisador também se constrói construindo sua ótica de pesquisa e que esta construção é contínua, aberta, trazendo novas formas de ver e perguntar.

Segundo Morin (apud SCOZ, 2004, p. 36), ao tratar da construção do conhecimento em uma realidade complexa, fica evidenciado a importância de o observador observar-se a si mesmo observando os outros. Scoz (2004) ainda explica que, segundo Morin, não podemos separar o mundo que conhecemos das estruturas de nosso próprio conhecimento.

O processo de construção da informação é regido por um modelo que representa uma síntese teórica em processo permanente a ser desenvolvida pelo pesquisador em sua trajetória pelo momento empírico. Tal síntese teórica está envolvida sempre com representações teóricas, valores e intuições do pesquisador, mas também está aberta ao momento empírico de seu trabalho, assim como às novas ideias que aparecem nesse momento, algumas das quais podem ser totalmente inéditas (REY, 2005).

A subjetividade do pesquisador aparece nos indicadores da subjetividade, por meio das diferentes formas de expressão do sujeito, e, só são passíveis de ser visualizadas, mediante processos de interpretação e construção do investigador, tratando-se, para ele, de um princípio que reivindica com força seu lugar ativo (REY apud SCOZ, 2004).

2.2 A Pesquisa Qualitativa como Produção Teórica: Uma aproximação diferente

A pesquisa qualitativa permite a produção de uma teoria, e esta deve abrir espaço para o desenvolvimento, seja do pesquisador ou de outros, capaz de trazer novos resultados e novos conhecimentos, de maneira que assimile esse novo conteúdo com o empírico.

González Rey (2005) considera a pesquisa qualitativa uma via essencial para a produção de teorias, isto é, para a construção de modelos teóricos de inteligibilidade no estudo de sistemas que não são diretamente acessíveis, nem em sua organização, nem nos processos que os caracteriza à observação externa. Para ele, a teoria é definida como a construção de um sistema de representações capaz de articular diferentes categorias

entre si e de gerar inteligibilidade sobre o que se pretende conhecer na pesquisa científica. Tal sistema de representações cede espaço à organização intelectual de um campo, o qual se expressa em uma representação com capacidade de integrar novos aspectos do estudo no desenvolvimento de uma linha de pesquisa.

O autor ainda completa sua definição dizendo que as teorias não são sistemas estáticos aos quais se deve assimilar todo o novo conteúdo, mas sim são sistemas abertos em relação aos quais os pesquisadores devem cultivar uma consciência de parcialidade de desenvolvimento, e não de resultado final, como frequentemente ocorre na ciência. A força do imaginário positivista, centrado nos dados, tem feito com que a teoria fosse assumida frequentemente como pano de fundo para rotular a informação procedente no momento empírico.

O empírico representa o momento em que a teoria se confronta com a realidade, sendo representado pela informação que resulta dessa confrontação, e que se desenvolve por diferentes vias. Assim, o empírico é inseparável do teórico, é um momento de seu desenvolvimento e organização; inclusive, a informação da realidade que entra em contradição com o teórico e que permite sua extensão e crescimento é, por sua vez, sensível ao registro teórico, pois a teoria o permite. As teorias, de fato, representam um facilitador para perceber uma gama de fenômenos empíricos, enquanto limita a percepção de outros. O pesquisador, por meio de sua capacidade reflexiva, é o responsável pelas mudanças da teoria ante a pressão da realidade estudada, mas tal pressão adquire forma somente por intermédio de suas reflexões, não deixando de representar um momento teórico (GONZÁLEZ REY, 2005).

2.3 O compromisso Ontológico na Pesquisa Qualitativa

Deve-se ter em mente que os sentidos são produzidos pelo sujeito e que o pesquisador deve atentar-se a eles mediante a construção desses sentidos e que sejam elaboradas novas construções e novas articulações, capazes de desenvolver para conquistar novas possibilidades de estudo mediante esses sentidos.

González Rey (2005) ressalta que desde a aceitação da subjetividade, enfatizamos o epistemológico devido às implicações do tema para os princípios mais gerais envolvidos na construção do conhecimento, a partir do qual nos situamos para fundamentar a pesquisa quantitativa. A partir disto, o autor nos faz a seguinte pergunta: Quais são para a pesquisa as implicações da subjetividade como definição ontológica?

González Rey nos coloca as seguintes implicações:

- A subjetividade, enquanto sistema, expressa-se em organizações inviáveis aos procedimentos metodológicos que operam por meio de definição, do controle e da manipulação de variáveis; expressa-se em configurações que mantém núcleos relativamente estáveis de produção de sentidos subjetivos, mas que integram e expressam sentidos diferenciados em momentos distintos da ação do sujeito ou do comportamento de um espaço social;

Permanentemente, a subjetividade existe como organização comprometida com a expressão diferenciada dos sujeitos, bem como dos cenários sociais. Portanto, os aspectos gerais que acompanham seu estudo representam construções teóricas que se apóiam nas múltiplas manifestações de um sistema subjetivo;

A subjetividade aparece somente quando o sujeito ou os grupos estudados se implicam em sua expressão e quando a pesquisa adquire sentido para eles. A informação puramente cognitiva que caracteriza a forma com que os sujeitos respondem a muitos dos instrumentos empregados pelas ciências sociais são com frequência, mais significativos para ocultar a subjetividade que para expressá-la;

A subjetividade não aparecerá, de forma imediata, ante os estímulos organizados para produzir respostas do sujeito. Os sentidos subjetivos não correspondem linearmente às representações do sujeito, sendo, com frequência, contraditórios a elas.

2.4 A zona muda das representações sociais

Assim como citado e explicado por González Rey anteriormente, a subjetividade do sujeito não aparecerá de forma direta nas pesquisas. É importante ainda ressaltar que muitas metodologias utilizadas no meio acadêmico que têm um valor qualitativo não conseguem se aproximar do entendimento da magnitude que é o sujeito, uma vez que muitas delas se fecham em questionários objetivos e em entrevistas fechadas, nas quais aparecem as dificuldades no processo de construção da informação, ligadas ao “fantasma empirista”. Outro ponto importante a ser considerado também nas pesquisas é o fato do pesquisador tender para uma postura neutra, tentando se separar de seu objeto de conhecimento, fazendo com que o próprio cientista não se insira em sua própria ciência.

Muitas formas metodológicas de pesquisa que se resumem em questionários e em entrevistas fechadas não consideram que existe uma zona muda das representações sociais do sujeito, pois há uma divergência, uma defasagem entre o que as pessoas dizem e o que elas pensam. O discurso feito pelas pessoas, as respostas dadas, não nos dizem tudo, pois o sujeito só irá dizer aquilo que for aceitável pela sociedade, de modo que reduza os riscos de julgamento negativo da parte do interlocutor.

Para González Rey (apud SCOZ & MARTINEZ, 2009, p. 433) as representações sociais devem ser percebidas como produções subjetivas que têm fundamento em uma realidade social. Para o mesmo autor, estas representações estão constituídas por uma multiplicidade de elementos de sentido e de significado, que circulam na sociedade e que dão às representações sociais sua dimensão subjetiva constituída por sentidos subjetivos responsável pela unidade inseparável entre o emocional e o simbólico.

Para Abric e Menin (apud SCOZ & MARTINEZ, 2009, p. 433), “conseguir revelar os elementos da zona muda de representação implica descobrir e desenvolver novos

instrumentos de investigação que permitam demarcá-la e evidenciá-la”.

Neste sentido, é importante considerarmos os meios (instrumentos e métodos) utilizados nas pesquisas para analisar se estes possibilitam uma aproximação da compreensão da subjetividade humana.

2 DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Pesquisa Qualitativa é um caminho para a produção de teorias. Desde a definição do problema de pesquisa bem como o seu desenvolvimento, nos traz uma posição reflexiva, e, a partir daí, vai possibilitando fundamentar as hipóteses e os fatos empíricos. Porém, um ponto importante a destacar é que as pesquisas, principalmente as qualitativas, vão encontrar seus limites, principalmente no que diz respeito à aproximação da compreensão da subjetividade humana.

Nas pesquisas, não se deve imaginar um resultado final, mas sim um desenvolvimento, pois a ciência não é fechada, assim como a subjetividade também não é. Devemos encarar a pesquisa como um sistema aberto e dinâmico, abrindo possibilidade e oportunidade de outros pesquisadores prosseguirem com o problema, desenvolvendo um tema a partir de um resultado apresentado, buscando a relação da teoria com a realidade e trazendo uma nova perspectiva e um novo olhar sobre o fato.

Mediante as novas produções científicas, o pesquisador passa a comprometer-se continuamente, sempre tendo como reflexão novas informações a partir dos resultados apresentados. Através destes resultados pertinentes à pesquisa e a partir de uma discussão epistemológica, gera-se uma possibilidade de analisar com a consciência teórica os limites e as contradições da pesquisa, já que esta se dá como via de significação da informação produzida.

O processo de construção da informação representa o momento mais difícil na realização da pesquisa qualitativa sobre o referencial construtivo-interpretativo da pesquisa qualitativa, pois, quando chega o momento de construção da informação, o material empírico não pode ser tratado como se esse fosse o portador de uma verdade única, o que deve chegar à análise e tentar buscar nos dados essa verdade.

O desenvolvimento da pesquisa ou o seu resultado final representa o momento em que a teoria se confronta com a realidade. Um fato a ser considerado também é que as teorias existem no pensamento e na análise dos pesquisadores.

No que diz respeito à subjetividade do ser humano, é importante considerarmos que esta não aparece de forma direta e objetiva nas pesquisas. O que o pesquisador deve fazer é ter em mente que o ser humano é extremamente complexo, assim como a sua subjetividade. Realizar uma pesquisa que aborde este tema torna-se tão complexa quanto. Por isso, o pesquisador deve estar atento aos meios utilizados em sua pesquisa e sempre considerar a zona muda das representações sociais dos sujeitos de sua pesquisa.

Com isso, é importante considerarmos os espaços de produção de sentidos nas pesquisas, já que são destinados à construção e reconstrução de novas cenas mediante os sentidos e significados trazidos pelos pesquisadores que realizam a pesquisa e pelos sujeitos da mesma. Desta forma, a produção de sentidos torna-se uma alternativa metodológica e instrumental para se chegar a uma aproximação do entendimento da subjetividade humana nas pesquisas, abrindo novos caminhos para a construção do conhecimento científico.

BIBLIOGRAFÍA

Gatti, Bernardete A. Pesquisa, educação e pós-modernidade: confrontos e dilemas. In *Cadernos de Pesquisa*, v. 35, n. 126, p. 595-608, set/dez 2005.

González Rey, Fernando. *Sujeito e Subjetividade*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

González Rey, Fernando. *Pesquisa Qualitativa e Subjetividade*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

González Rey, Fernando. *Psicologia da Educação*. São Paulo, 2007.

Martinez, Albertina M. A teoria da subjetividade de González Rey: Uma expressão do paradigma da complexidade na Psicologia. In González Rey, F. (org) *Subjetividade, Complexidade e Pesquisa em psicologia*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

Morin, Edgar. *Epistemologia da Complexidade*. In: Schnitman, Dora F. (org.) *Novos Paradigmas: cultura e subjetividade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996, p. 274-289.

Schnitman, Dora F. *Novos Paradigmas: ciência e subjetividade*. Artes Médicas: Rio Grande do Sul, 1996.

Scoz, Beatriz J. L. *Identidade e Subjetividade de Professoras/es: sentidos do aprender e do ensinar*. Tese de doutorado. PUC/SP (2004).

Scoz, Beatriz J. L. & PORCACCHIA, Sonia S. A subjetividade na Psicopedagogia: algumas reflexões. In *Revista Construção Psicopedagógica*. Instituto Sedes Sapientiae. São Paulo, 2009.

Scoz, Beatriz J. L. & MARTINEZ, Albertina M. A zona muda das representações sociais: uma aproximação do jogo de areia. *Revista Internacional de Psicologia*. Vol. 43. São Paulo, 2009.